



**Data:** 18.07.2020

**Título:** Portugal cria banco de sangue de doentes covid

**Pub:** 



**Tipo:** Jornal Nacional Semanal

**Secção:** Nacional

**Pág:** 1;20

# Portugal cria banco de sangue de doentes covid P20

Área: 262cm<sup>2</sup> / 9%

Titragem: 123.400

Cores: P/B

ID: 6898548

# Portugal está a criar banco de soros hiperimunes

**Plasma dos recuperados está a ser analisado para selecionar os que têm mais anticorpos. Terapêutica ainda está a ser estudada**

RAQUEL ALBUQUERQUE

ralbuquerque@expresso.imprensa.pt

Uma equipa de cientistas do Instituto de Medicina Molecular (IMM) está a analisar amostras de plasma doado por doentes que recuperaram da covid-19 em Portugal para selecionar os que são hiperimunes, ou seja, que têm maior concentração de anticorpos e capacidade de neutralizar o vírus. As análises resultam de um protocolo com o Instituto Português do Sangue e da Transplantação (IPST). O objetivo é construir um banco de soros hiperimunes a nível nacional, ao qual os médicos possam vir a recorrer para fazer transfusões para doentes com covid, caso os ensaios clínicos internacionais que estão a estudar esta terapêutica experimental confirmem a sua eficácia no tratamento de alguns infetados.

A utilização de plasma sanguíneo de pessoas já recuperadas é uma das terapêuticas sugeridas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e está a ser estudada no megensaio clínico da Universidade de Oxford, a par de fármacos como a dexametasona. Espanha, Itália, França, Alemanha, Bélgica e Estados Unidos também têm ensaios clínicos sobre os efeitos da transfusão de plasma convalescente e, na semana passada, a Comissão Europeia reforçou a aposta nesta área de investigação, disponibilizando fundos aos institutos do

sangue dos Estados-membros para equipamentos de colheita, armazenamento ou análises laboratoriais.

Marc Veldhoen, especialista em imunologia do IMM e responsável pelo protocolo com o IPST, já analisou cerca de 90 amostras enviadas por três centros de colheita, mas espera receber um total de 400. Até agora, cerca de metade dos soros (45%) tinha uma concentração de anticorpos suficiente para avançar para uma segunda fase de teste. “Das 87 amostras testadas, 39 vão agora ser analisadas para determinar de forma precisa o nível de concentração de vários anticorpos e a sua capacidade de neutralizar o vírus”, explica. Em agosto, o investigador deverá ser capaz de dizer ao IPST quais as características dos doadores que tendem a apresentar um nível de anticorpos mais elevado. “O pico tenderá a ocorrer entre 30 a 40 dias após a infeção. Quatro meses depois já será menos provável haver uma concentração elevada.”

## INTERVENÇÃO PRECOCE

O arranque da colheita de plasma em Portugal foi divulgado no início de maio e a presidente do IPST, Maria Antónia Escoval, referiu os “bons resultados” da utilização de plasma em doentes com covid na China. Para Marc Veldhoen, o mais provável é que a transfusão destes soros deva ter de ocorrer numa fase “precoce” da doença, enquanto as pessoas ainda não desenvolveram anticorpos, mas só os resultados dos ensaios clínicos em setembro poderão confirmar.

“Poderá também ajudar imunodeprimidos que não conseguem produzir anticorpos suficientes com atividade neutralizante.”

O desenvolvimento da vacina “não retira importância” a esta terapêutica diz o cientista do IMM. “As pessoas mais vulneráveis que não produzem níveis suficientes de anticorpos, como alguns idosos ou doentes com sistema imunológico enfraquecido, são as mesmas que podem não responder adequadamente às vacinas.”

Saber se um determinado soro tem capacidade para neutralizar o vírus requer uma análise na qual o SARS-CoV-2 é incubado nos anticorpos para saber se se replica, o que exige um elevado nível de biossegurança, existente em poucos laboratórios do país. Para alargar a capacidade de análise a outros laboratórios, até mesmo hospitalares, o IMM está a desenvolver um método alternativo que não exige um nível de biossegurança tão elevado, como está a ser feito por Florian Krammer, investigador da Escola de Medicina de Mount Sinai, em Nova Iorque. “Como aconteceu com a produção nacional de testes de diagnóstico e serológicos, precisamos de autonomia e o importante é que Portugal use a sua capacidade para desenvolver este recurso, no caso de vir a ser necessário”, aponta Pedro Simas, investigador do IMM envolvido no protocolo com o IPST e no desenvolvimento do método alternativo de análise do plasma.

